

## QUANDO O EX É RENOVADO: UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO PREFIXO LATINO EX EM HEBRAICO

Profa. Me. Isabel Arco Verde Santos<sup>1</sup>  
Wellington Couto de Almeida<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo aborda a singularidade evolutiva da língua hebraica, examinando no hebraico israelense alguns empréstimos do inglês. Em especial, fazemos uma comparação da utilização do prefixo latino *ex*, apurando o emprego no português e no inglês, bem como a maneira com que o hebraico incorporou este prefixo a sua língua.

**Palavras chave:** hebraico israelense, empréstimos, prefixos

## WHEN THE EX IS RENEWED: A STUDY OF THE BEHAVIOR OF LATIN PREFIX IN HEBREW

**Abstract:** This paper approaches the singularity of the Hebrew language in terms of its evolvement, exploring in Modern Hebrew some loanwords taken from English. Especially, we make comparisons concerning the Latin prefix *ex*, examining its uses in both English and Portuguese, as well as the way Hebrew has incorporated this prefix into its language.

**Keywords:** modern Hebrew, loanwords, prefixes

O hebraico moderno, também conhecido como hebraico israelense, é resultado de um processo singular de evolução da língua hebraica. Estima-se sua existência desde 1200 AEC., com a conquista de Canaã, passando a um estado latente, em consequência da dispersão do povo judeu, em 130 EC., com as últimas investidas contra os romanos.<sup>3</sup>

Pertencente à família camito-semítica ou afro-asiática, o hebraico já foi considerado por muito tempo como a língua mais antiga da humanidade, e, apesar da dispersão e das dificuldades que encontrou em sua trajetória, superou o fantasma da extinção, encontrado por outras línguas, como o ugarítico e o fenício. E mais até: conseguiu vencer a barreira do tempo sem grandes modificações, no que diz respeito à sua gramática.

---

1 Mestre em Língua e Literatura Hebraica (USP). Professora do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ILE/UERJ).

2 Graduando em Letras – Inglês/Literaturas (UERJ).

3 Data-se também em 200 EC, conforme registra Rabin: “O ano de 200 da EC foi adotado como a data que marca o fim da utilização do hebraico como língua falada. Um dos motivos para o estabelecimento desta data é a passagem talmúdica que relata que havia uma serva na casa de Rabi Yehuda Há-Nassi (morreu em 217) que explicava aos sábios palavras hebraicas cujo significado eles já tinham esquecido.” RABIN, Chaim. *Pequena história da língua hebraica*. São Paulo: Summus Editorial, 1973. P. 59

Berezin<sup>4</sup> (1980) fala que o hebraico foi interrompido a partir de 130 EC. Rabin (1973) discute sobre a estagnação da língua. De fato, a língua nunca foi interrompida ou se viu estagnada. Mas é difícil também explicar como a língua de 1200 AEC chega aos dias de hoje sendo base da comunicação do falante moderno.

Rabin (1973) informa que o marco de 200 da EC diz respeito ao fim do hebraico como língua falada e justifica com duas situações:

Um dos motivos para o estabelecimento desta data é a passagem talmúdica que relata que havia uma serva na casa de Rabi Yehuda Ha-Nassi (morreu em 217) que explicava aos sábios palavras hebraicas cujo significado eles já tinham esquecido. Outro motivo é que após a geração dos compiladores da Mischná, veio a geração dos amoráitas israelenses, e, segundo o Talmude Jerusalemita, os debates destes últimos realizavam-se em aramaico.<sup>5</sup>

Se a tradição cita a língua entre os fatores para a preservação dos judeus por ocasião do cativeiro do Egito<sup>6</sup> (que antecede a conquista de Canaã), podemos dizer que a religião foi a grande responsável pela manutenção do povo e da língua, nos séculos que se seguiram à dispersão, em 130 EC.

As práticas religiosas unificaram os judeus em todos os lugares. As rezas, e os textos bíblicos do Antigo Testamento usados nos cultos e nas práticas religiosas continuaram a ser lidos, repetidos e decorados na língua original, independente do lugar onde se estivesse. As festas religiosas e seus ritos e tradições uniam, mesmo aqueles menos religiosos como um povo, realmente.

Há que se destacar que o hebraico bíblico também foi o referencial para produções que se faziam nos séculos seguintes. A produção literária em hebraico continuou acontecendo pela necessidade e até por rebeldia. Ora de forma mais tímida, ora mais ousada, a língua mostrou que não foi interrompida, nem se fez estagnada.

O fantástico é perceber que uma gramática que explique o hebraico bíblico pode ser entendida e aplicada mesmo no estudo do hebraico moderno. O que, de fato, se diferencia é o vocabulário, porque a necessidade de se comunicar exige que a língua apresente soluções para o momento que se faz presente.

---

4 BEREZIN, Rifka. *As origens do léxico do hebraico moderno*. São Paulo: EDUSP, 1980. P. 11

5 RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua hebraica*. São Paulo: Summus Editorial. P. 59

6 FISCHLER, Ben Zion. Estudos hebraicos na diáspora. In: *Ressurgimento da Língua Hebraica*. São Paulo: Editora B'nai B'rith e Centro Brasileiro de Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. P. 35. "Assim está escrito: 'Por causa de quatro coisas os judeus foram resgatados do cativeiro do Egito: por não mudarem seus nomes, por não mudarem sua língua, por não revelarem seus mistérios e não repudiarem a circuncisão'".

Mas o hebraico, com certeza, enfrentou momentos críticos, mesmo na religião. Ora, não é difícil imaginar que um religioso quisesse incorporar aos seus ritos e orações expressões em sua língua natal, na dispersão. Podemos entender melhor este impasse comparando com o processo que viveu o latim na Igreja Católica. Quando o Concílio Vaticano II<sup>7</sup> abriu a possibilidade de se usar a língua vernácula objetivava atrair mais fieis à Igreja e modernizá-la. A preferência pela língua vernácula predominou de modo geral.

Podemos afirmar, então, que o segredo do hebraico foi não abrir exceção. E a forma que se conseguiu manter o uso da mesma língua nas preces e orações em todo e qualquer lugar foi o apelo do divino. Afinal, e se D'us realmente falar hebraico?

Sempre houve um sentimento de sacralidade envolvendo a língua hebraica. Note-se que ela foi preservada de expressões de insultos, os chamados palavrões, por muito tempo, porque não seria digno usar a língua divina com manifestações de opróbrio. No hebraico atual, já se ouve termos afrontosos em hebraico, mas ainda é comum que se use o ídiche para estas manifestações.

Berezin<sup>8</sup> (1980) divide a língua hebraica em dois grandes períodos históricos: o hebraico clássico e o hebraico moderno. O hebraico clássico é subdividido em hebraico bíblico (de 1200 AEC até 130 EC), período talmúdico (de 130 EC até 600 EC) e o período medieval (de 600 EC até os fins do século XVIII).

O hebraico bíblico é o período mais importante da história da língua hebraica e é nele que se concentra a base vocabular e gramatical de todo o hebraico. São somente cerca de 8000 palavras, sendo que 2000 só aparecem uma única vez.

Embora o registro dos textos bíblicos, entende-se que o acervo linguístico do falante da época era muito maior, pois é preciso considerar a limitação temática dos escritos e a preocupação literária de seus autores.

O hebraico bíblico estabeleceu o núcleo formal dos sistemas e das formas gramaticais: a estrutura do singular, do plural e da forma dual do substantivo, a flexão do substantivo na forma possessiva (genitivo). Forneceu as conjugações da maioria das construções verbais, bem como os tempos, embora não tenha conseguido expressá-los com clareza.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Conferência realizada entre 1962 e 1965, que gerou transformações profundas na Igreja Católica.

<sup>8</sup> BEREZIN, Rifka. *As origens do léxico do hebraico moderno*. São Paulo: EDUSP, 1980. P. 12.

<sup>9</sup> Idem, p. 18.

O período subsequente, o talmúdico, trouxe maior contribuição no que diz respeito à organização sintática do hebraico moderno. Como este período congrega os escritos de mestres rabínicos e uma variedade maior de temas, muitas palavras foram relacionadas e contadas ao vocabulário hebraico, somando cerca de 14.000 palavras ao acervo da língua.

A partir do século XVIII, surge o movimento da *Haskalah*, o chamado Iluminismo Judaico, e, com ele, renasce o sonho nacional judaico. Mas, por incrível que pareça, o hebraico não foi, a princípio, a voz do povo judeu desta época, mas o ídiche<sup>10</sup>, uma variante que usava caracteres judaicos. Mas logo o hebraico encontraria seu espaço neste novo cenário e se destacaria fazendo voz

O anseio de celebrar a nação judaica buscou nas suas origens sua justificativa. Era preciso voltar ao solo ancestral e reassumir com integridade a língua ancestral. A reunião de judeus de diferentes lugares, no espaço do que seria consagrado o Estado de Israel, com suas diferentes línguas, também tornou emergencial a procura de um meio de comunicação comum que sobrevivesse à Babel.

Eliezer Ben Yehuda foi o responsável por unir aos ideais nacionais a presença da língua hebraica. Seu papel neste cenário foi basilar. Embora muitos tenham abraçado a ideia, foi Ben Yehuda quem concretizou este sonho, desenvolvendo um trabalho magnífico de vitalização da língua. De 1881, quando fez sua aliá<sup>11</sup> até sua morte, em 1922, Ben Yehuda alcançou êxito em sua empreitada linguística.

Um fator que não pode ser desprezado é que o Estado de Israel renasceu da junção de falantes de línguas diferentes que deveriam encontrar no hebraico o seu ponto de equilíbrio. Assim, é possível entender os problemas que acompanharam este desafio. O hebraico precisaria agora despertar para novos conceitos, para um novo mundo, para realmente representar e ser a voz de seu povo.

Aliás, este foi um momento determinante para o hebraico. Segundo Crystal (2000)<sup>12</sup>, uma língua ameaçada poderá reverter seu caminho se seus falantes aumentarem seu prestígio dentro da comunidade dominante; aumentarem sua riqueza e poder legítimo; destacarem-se no sistema educacional; escreverem sua linguagem e fizerem uso de tecnologia.

Por muito tempo, a partir da criação do Estado de Israel, em 1948, o hebraico foi reconhecido como língua oficial juntamente com o árabe. A partir de 19 de julho de

10 O chamado judeu-alemão.

11 Imigração definitiva à terra de Israel

12 CRYSTAL, David. *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press.

2018, no entanto, foi aprovada lei que entende somente o hebraico como língua oficial, considerando o árabe como uma língua especial. Isto não foi exatamente uma novidade, pois a proposta de lei já tramitava no parlamento desde 2011.

O inglês também é uma língua importante em Israel. Embora não seja considerada oficial ao país, é uma língua obrigatória nas escolas. Além disto, por ser um país com muitos apelos turísticos, há muitas sinalizações nas três línguas.

A convivência irmanada entre o inglês e o hebraico trouxe interessantes soluções ao processo comunicativo e também incorporou ao segundo diversos empréstimos. O inglês trouxe sua bagagem de influências para o hebraico, difíceis de serem ignoradas.

Globalization, combined with American economic and cultural power, has made English the international language par excellence-now aided and abetted by Internet. And even for Israelis who don't identify with Anglo culture, URLs in roman characters are just part of life.<sup>13</sup>

Os empréstimos do inglês muitas vezes acabam se incorporando à mentalidade da língua hebraica. É o que acontece, por exemplo, com o vocábulo *telefone*. Uma vez no *corpus* vocabular hebraico, se incorpora ao sistema da língua e reconhece sua forma verbal: le-talphen.

Zuckermann (2006) apresenta a posição dos revisionistas que afirma o hebraico como uma língua indo-europeia. Ele mesmo faz uma leitura própria da questão:

The revisionist position, by contrast, defines Israeli as Indo-European: Yiddish relexified, i.e. Yiddish is the 'substratum', whilst Hebrew is only a 'superstratum' providing the lexis and lexicalized morphology (cf. Horvath and Wexler 1997). I call this the 'cuckoo model', as the cuckoo lays eggs in the nest of another bird. My own mosaic view is that Israeli is simultaneously Semitic and IndoEuropean.<sup>14</sup>

Muitas palavras do hebraico israelense trazem prefixos latinos. Em sua grande maioria, elas chegam exatamente na carona do inglês. Estes prefixos são absorvidos como ocorre no inglês ou mesmo no português.

Na língua portuguesa, a derivação prefixal ou prefixação é um dos processos mais comuns no que diz respeito à formação de palavras. De acordo com Rocha Lima

---

13 GLINERT, Lewis. *The Story of Hebrew*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2017. P. 230

14 Zuckermann, Ghil'ad 2006 (in press). 'Complement Clause Types in Israeli', Chapter 3 of *Complementation: A Cross-Linguistic Typology*, edited by R. M. W. Dixon and A. Y. Aikhenvald, Oxford: Oxford University Press. [http://www.zuckermann.org/pdf/complement\\_clause.pdf](http://www.zuckermann.org/pdf/complement_clause.pdf) visualizado em 30 de janeiro de 2019.

(2011)<sup>15</sup>, derivação “é o processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido”. A derivação prefixal ocorre, portanto, quando um prefixo se une a uma palavra, a fim de formar uma outra, com significado diferente.

No que diz respeito aos prefixos que se unem a essas palavras, a maioria dos que encontramos hoje no português vêm do latim ou do grego. Não por acaso, são eles que Rocha Lima (2011) lista em sua gramática e sendo o português uma língua derivada do latim vulgar, é natural que se guardem muitas correspondências com seus antepassados linguísticos.

Um fenômeno próprio de alguns prefixos é a *independência* deles na língua. Diremos *independência*, pois não é exatamente precisa a ideia de que os prefixos sejam independentes, uma vez que seus status de prefixos vêm, costumeiramente, quando estão conectados a um radical. Bechara (2009) nos deixa a par dessa possibilidade de *independência*, no que diz que

ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa e podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua).<sup>16</sup>

Nesse sentido, podemos afirmar que, de fato, reconhecemos alguns prefixos como formas livres, o que os eleva, em alguns momentos a uma outra classificação.

Essa *independência* de alguns prefixos os torna mais parecidos com radicais, uma vez que passam a ter um sentido forte, *per si*, atrelado a uma ideia concreta na língua. Rocha Lima (2011) inclusive, antecipou isso, afirmando que certos autores à sua época defendiam que a prefixação seria caso de composição (prefixo como radical) e que outros defendiam se tratar de derivação (tratando, dessa forma, o prefixo como forma presa<sup>17</sup> à palavra). O autor desenvolve seu pensamento sobre o tema defendendo o prefixo como forma presa, embora admita que a linha entre os dois processos seja tênue<sup>18</sup>.

Um forte exemplo de um prefixo que assume papel de radical em alguns momentos é o latino *ex-*. Este prefixo tem autonomia em alguns contextos, como quando se quer falar de um ex-namorado ou de uma ex-namorada e se referem a eles,

---

15 LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011. P. 250

16 BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. P. 239.

17 Cf. CAMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2004.

18 Cf. 15.

por vezes, tão somente como *ex*. É comum que se ouçam pessoas dizendo que o *ex ligou* ou que a *ex não era boa pessoa*, usando o prefixo *ex* de maneira independente.

Essa independência do *ex-* indica que, nesses casos, *ex* já não é mais considerado um prefixo, mas um radical, autônomo, que pode ser usado sozinho a depender do contexto, isto é, havendo vezes em que funciona como prefixo (e.g. *ex-presidente*, *ex-pastor*, etc.) e outras em que funciona de maneira autônoma, especificamente quando se tratarem de relacionamentos amorosos (*ex* em referência a *ex-marido*, *ex-esposa*, *ex-namorado*, *ex-namorada*).

Assim como no português, o mesmo fenômeno é registrado no inglês, língua em que o prefixo *ex-* teve seu primeiro registro na metade do século XIX, segundo o dicionário online Oxford<sup>19</sup>. Contudo, podemos verificar que a influência do latim na língua inglesa veio desde séculos antes, quando o latim, por mais de trezentos anos, foi a língua do poder na Grã-Bretanha.<sup>20</sup>

A independência do prefixo *ex-*, em inglês, ocorre de maneira muito semelhante a que acabamos de ver em português. O prefixo também tem autonomia no que se refere ao seu uso em referência a relacionamentos amorosos findos. Essa independência não passou despercebida por línguas que se mantiveram em contato ou importaram palavras do inglês para si, como é o caso do hebraico, em que o prefixo radicalizado *ex-* tem passado por um fenômeno ainda mais curioso, que veremos neste artigo.

O prefixo *ex* significa aquilo que passou, o que se tornou anterior. Em hebraico, esta expressão é bem entendida na forma *shel'avar* (*shin-lamed-ayin-beit-resh*). Somente quando se expressa a ideia do ex-marido, da ex-mulher, ex-companheiro ou ex-companheira é possível usar a forma *ex* (*alef-kof-samekh*). A forma, no entanto, é usada de forma independente, como já explicamos acima.

Esta economia vocabular não é estranha ao inglês e mesmo ao português, trata-se do que Belchior<sup>21</sup> chama de truncamento. De acordo com a autora:

O truncamento é um processo não-concatenativo de formação de palavras que consiste no encurtamento de uma base; ou seja, ao contrário do que ocorre na prefixação e na sufixação, é um

19 Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/ex>. Acesso em 22 de janeiro de 2019.

20 Cf. BAUGH, Albert e CABLE, Thomas. *A history of the English language*. Routledge, 1993.

21 BELCHIOR, Ana Paula Victoriano. *A morfologia prosódica circunscritiva aplicada ao Truncamento no português brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de letras, 2014. <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2014/3-BelchorAPV.pdf> Visualizado em 29 de janeiro de 2019.

processo que não se estrutura a partir da adjunção de afixos, mas da supressão de segmentos da palavra-matriz.<sup>22</sup>

Segundo ela, embora o termo seja usado como sinônimo de abreviação por alguns autores, truncamento se difere porque busca uma informalidade (ou uma ideia pejorativa), preserva a margem esquerda da base, usa sequencias fônicas aceitáveis aos padrões do português e não se limita à escrita.

No hebraico isto acontece com o prefixo de origem grega *homo* (*hê-waw-mem-waw*). Na forma curta, ele expressa o contexto sexual, significando o homem que sente atração sexual por outro homem. O termo não se aplica ao feminino, pois a mulher que sente atração sexual por outra mulher é chamada *lesbit*.

Este termo incorporado ao *corpus* hebraico também se modifica para expressar homossexualidade, ou o adjetivo homossexual, flexionando o primeiro em número e o segundo em gênero e número.<sup>23</sup>

O prefixo *ex*, no entanto, não aparece como truncamento em hebraico. Ele se faz independente e funciona como radical, já que o que era prefixo ganha status de substantivo pleno, flexionando em gênero e número.

Assim, o ex-marido transforma-se no 'eqs (alef-kof-samekh). A ex-mulher torna-se a 'eqsit (alef-kof-samekh-yod-tav). Diferente do *homo*, citado acima, *ex* assume o mesmo radical para o feminino, acrescentando somente o sufixo de feminino, próprio do hebraico, usado em estrangeirismos ou empréstimos. Assim, é o sufixo *it* (yod-tav) que marca a forma feminina singular. Este sufixo também é usado para marcar adjetivos na forma do feminino.

Quanto ao número, a forma no masculino singular se flexiona da seguinte maneira: 'eqsyim (alef-kof-samekh-yod-mem sofit) e para a forma feminina no plural, temos: 'eqsiot (alef-kof-samekh-yod-waw-tav).

Note-se ainda que poucas palavras foram inseridas como empréstimos no hebraico israelense com auxílio do prefixo *ex*: *expriment* (experimento), *express*

---

22 Idem, p.14

23ROSENTHAL, Ruvik. Dictionary of israeli slang. (em hebraico) Homosexualiut (*hê-waw-mem-waw-samekh-alef-lamed-yod-waw-tav*): sexualidade. No plural: homosexualiot. Adjetivo homossexual: masculino singular- homo'y (*hê-waw-mem-waw-alef-yod*), plural – homo'ym; feminino singular – homo'yt, plural homo'yot.

(expresso), *exta* (pastilha de extase: a partir do empréstimo *extasy*) e *aktsent* (excêntrico - empréstimo do russo).<sup>24 25</sup>

Considerando, enfim, que as línguas estão em constante evolução, é importante que nos mantenhamos atentos ao modo como essas evoluções ocorrem, haja vista a riqueza e a singularidade de cada um dos processos que culminam na constante atualização das línguas. O *ex*, em hebraico, é somente um exemplo em um campo vasto para os estudos linguísticos.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2KreBQh>. Acesso em 22 jan. 2019.

CAMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAUGH, Albert e CABLE, Thomas. *A History of the English language*. Routledge, 1993.

BELCHIOR, Ana Paula Victoriano. *A morfologia prosódica circunscritiva aplicada ao Truncamento no português brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de letras, 2014.

BEREZIN, Rifka. *As origens do léxico do hebraico moderno*. São Paulo: EDUSP, 1980.

CRYSTAL, David. *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

EX. In: Oxford Online Dictionary. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/ex>. Acesso em 22 jan. 2019.

GLINERT, Lewis. *The Story of Hebrew*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2017.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2sTXNuV>. Acesso em 22 jan. 2019.

---

24 ROSENTHAL, Ruvik. Dictionary of israeli slang. (em hebraico). Jerusalém: keter books, 2005. p. 28

25 Aqui é um falso uso do prefixo *ex*. No hebraico há a utilização da forma *ex* (alef-kof-samekh) em excesory, mas o prefixo latino é *ad*. Isto acontece também com *excident* (acidente) que, na verdade é uma tentativa de transliteração do inglês. Por isso é preciso cuidado ao ler a palavra no hebraico para encontrar a formação correta da palavra.

RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. Summus Editorial: São Paulo, 1973.

ROSENTHAL, Ruvik. *Dictionary of Israeli Slang*. (em hebraico). Keter Books: Jerusalém, 2005.

ZUCKERMANN, Ghil'ad 2006 (in press). 'Complement Clause Types in Israeli', Chapter 3 of *Complementation: A Cross-Linguistic Typology*, edited by R. M. W. Dixon and A. Y. Aikhenvald, Oxford: Oxford University Press. [http://www.zuckermann.org/pdf/complement\\_clause.pdf](http://www.zuckermann.org/pdf/complement_clause.pdf). Acesso em 30 jan. 2019.